

PROPOSTAS PARA UM ENSINO PRAZEROSO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Maria Teresa Gonçalves Pereira (UERJ)
mtgpereira@yahoo.com.br

RESUMO

Os professores se sentem, às vezes, despreparados para ensinar aos alunos fatos da língua que, aparentemente, são áridos e complexos, de difícil compreensão, não despertando interesse e motivação. Assim, propomos alternativas de abordagem no que diz respeito à morfologia, à sintaxe e ao léxico para que tal ensino cumpra o efetivo papel de fazer chegar a Língua Portuguesa aos seus usuários sem quaisquer rótulos que a desabonem. Deve-se destacar suas características de criatividade e renovação sem, entretanto, esquecer a tradição que, no cômputo geral, estabelece sua riqueza e força. Ao professor, não importa o nível em que leciona, cabe estar atento, não só ao conteúdo e à teoria que passa aos alunos, mas como procede, buscando possibilidades de transformar o seu ofício em saber e arte, celebrando sempre a língua materna.

Palavras-chave Língua Portuguesa – Ensino – Gramática - Texto

O ensino de Língua Portuguesa é visto por muitos — alunos, professores e estudantes dos mais variados níveis — como algo tedioso, desprovido de qualquer centelha de interesse. Mesmo aqueles temas considerados mais leves, fáceis de serem entendidos pela clientela a que se destinam, podem apresentar-se monótonos sem nada que lembre uma língua pulsante de vida, criativa nos seus recursos e fértil em suas possibilidades. E, por que será que isso acontece? Não tenho dúvida de que tal fato ocorra em virtude das escolhas das estratégias para se fazer chegar ao alunado o necessário sobre os fatos da língua ou qualquer item da sistematização gramatical.

Um bom nível de conhecimento teórico é recomendável. Conteúdos acumulados ao longo de uma trajetória são importantíssimos. O embasamento sustenta, cria condições para a autoconfiança. Não deve, entretanto, haver qualquer ilusão sobre a crença de que só um vasto conhecimento seja suficiente para despertar a faísca quase

extinta do interesse, da motivação para a recepção da aprendizagem.

Escolher um texto instigante, do autor da moda ou do jornalista conhecido da TV ou do jornal, com passagens mirabolantes e ganchos incríveis também por si mesmos não garantem a atenção. O interesse se pode manter, porém, até certo ponto.

Escolher uma linguagem moderna (modernosa?), próxima à do público (adulto ou não), fazer concessões de toda ordem, tudo isso pode passar a impressão de que se está acertando, atingindo o alvo. Às vezes, até se garante boa receptividade e simpatia momentânea.

Poder-nos-íamos alongar no rol das providências para “agradar” a “platéia”, segurá-la ao máximo, quando se ensina Língua Portuguesa.

E, então, qual é o segredo, o pulo-do-gato, se é que ele existe mesmo, nessa perspectiva.

Entendo que um bom embasamento teórico, atitudes entusiasmadas diante dos alunos, demonstrando que se acredita no que se faz uma seleção criteriosa e instigante do material a ser usado (textos de diferentes linguagens) se incluem no elenco de providências que um professor deve buscar em seu ofício.

Para mim, entretanto, o fundamental — na verdade, tão simples e óbvio — é combinar todos os ingredientes e transmitir os fatos da língua — sem exceção — embalados para presente, com o cuidado e a dedicação necessários que devotamos a alguém merecedor de toda consideração — no caso, o aluno.

Desse modo, qualquer conteúdo, qualquer parte da gramática, qualquer noção ou conceito — por mais complexo, é bem digerido.

Tenho absoluta convicção — os meus quase 40 anos de magistério, contando o ensino primário (hoje educação infantil) bem o atestam — que não há “matéria” difícil; há

matéria que não foi bem “dada” e/ou “apresentada”.

Os estudos gramaticais são básicos e insubstituíveis. Não para repetirmos e concordarmos com os teóricos consagrados; mas, para depois de profundamente conhecê-los em suas formulações, teorias e conceitos, exercermos a reflexão crítica. A tradição e a modernidade devem andar juntas. A (boa) tradição pavimentou o chão para que os estudos evoluíssem, avançassem e se desenvolvessem. A modernidade mantém-nos antenados, mas, em seu nome não se joga fora levemente um cabedal de conhecimentos adquiridos. Apenas se torna fundamental, depois de internalizá-los, ir em busca de outras alternativas.

Revela-se extremamente pobre, redutor e simplista o que se convencionou chamar de “estudo da língua”: os lugares-comuns, as regras, as imposições, os limites que naturalmente não existem. Uma postura, pautada na invenção e na originalidade, permite um conhecimento maior e visceral, não só em situação escolar momentânea, mas na própria vida.

Estudar Língua Portuguesa não é dividir e nomear orações, classificar vogais e consoantes, dar a função sintática das palavras, saber se tal palavra se escreve com *s* ou *ç*. Num determinado e necessário momento, e isso tudo, mas nunca só isso. Trata-se de total desperdício que o professor incute no seu ouvinte e/ou expectador (aluno) tal idéia. Acreditamos num olhar inteiro(iço) para os estudos lingüísticos sem intenções ortodoxas.

Geralmente se trata a leitura nas escolas como atividade obrigatória e/ou enfadonha. Mesmo os que gostam, às vezes, se desinteressam, se orientados apenas para a formação de “hábitos”. O ato de ler pode e deve ser prazeroso, envolvendo a possibilidade de crescimento sociocultural equilibrado, além do genuíno encantamento que proporciona.

Parece oportuno se, então, levarmos o aluno a perceber essa gramática da língua na prática (no texto), despertando-o

para o papel da leitura em sua vida.

Evidentemente que um texto de Guimarães Rosa com suas alternativas quanto à formação de palavras ou uma música de Chico Buarque quanto às imagens não serão dissecados numa análise a ponto de perder a noção de estética. Importa é perceber que o fato lingüístico-gramatical é responsável pelo produto final — o texto —, sem deixar de lado a sensibilidade ao abordá-los.

Ninguém pretende ser “contra” a gramática: ela é inerente às línguas. Uma língua é um duplo sistema de sinais (vocábulos, expressões, etc.) e de regras de combinações desses sinais, chamados de gramática; o que preocupa é a maneira de ensiná-la, as noções falsas, a visão distorcida de um posicionamento tradicional, que não aposte na abertura ao novo.

Há necessidade de buscar caminhos que nos levem a estudar (perceber) a língua como organismo vivo, com as suas idiossincrasias, de modo pleno, manipulando-a naturalmente como usuários que somos.

Apostamos na relevância desse tipo de estudo já que tenta resolver dois problemas cruciais do ensino de língua materna: proporcionar motivação aos conhecimentos teóricos (gramaticais) que os alunos adquirem por exigência de um currículo que os embase com consistência e profundidade e resgatar o sentido do ato de ler, numa ótica mais atraente, atribuindo ao texto funcionalidade e prazer estético. A magia que nos envolve ao lermos se instaura— embora não nos demos conta — pela estrutura de um texto, pela escolha das suas palavras, pelo aspecto formal de seus vocábulos, pela maneira como o seu produtor (autor) arruma os fatos da língua nos planos fonológico, morfossintático e léxico-semântico para nos mostrar sua obra. João Cabral de Melo Neto em *Escritos com o Corpo* diz sobre a língua: “Ela tem tal composição / e bem entramada sintaxe / que só se pode aprendê-la / em conjunto: nunca em detalhe”.

Procuramos, desde o início, juntar a Língua portuguesa

à Leitura, porque temos posição firme em relação ao ensino da língua: não há caminho que não comece, passe e nem termine pelo texto. As várias tipologias, os gêneros, as linguagens, tudo se relaciona à Leitura já que, em última análise, se estudamos um fragmento do texto (não nos referimos ao livro de leitura suplementar ou paradidático), se nos empenhamos, realizando uma atividade prazerosa, é lícito supor que aquele fragmento vai servir de “propaganda” para se buscar o texto completo a fim de saciar a curiosidade e aumentar o deleite. Assim, cumprimos dupla finalidade: servir à Língua Portuguesa e à Leitura.

Se nos referimos à Língua Portuguesa e à Leitura, procurando articular as duas áreas, torna-se necessário que trabalhemos com textos por nós considerados ideais em que a proliferação de recursos lingüístico-expressivos é de tal ordem que o falante (aluno) e usuário da língua efetivamente perceberá as ocorrências, entendendo a tessitura do texto como produto da inter-relação dos planos fonológico, morfossintático e léxico-semântico.

Acreditamos que faz parte do indivíduo o exercício de sua cidadania no que a palavra e o conceito têm de verdadeiro. Ser cidadão não é só ocupar um espaço no mundo; é saber por que está ali, a sua função, a sua interação com o entorno, a sua responsabilidade, a crítica que faz de si, do outro e do contexto. A Leitura cumpre tal função ao abrir o leque de possibilidades segundo os variados discursos existentes: o literário (prosa e poesia) e não-literário, incluindo-se aí o jornal, a revista, os quadrinhos, a música (poesia?), a lenda, o cordel, a propaganda, dentre tantos outros.

No momento em que se aborda e se percebe o texto — não apenas o fragmento, mas ele inteiro — como matéria-prima para um estudo de língua diferenciado, há uma disponibilidade mental para o aperfeiçoamento lingüístico. Devemos, no entanto, esclarecer que aqui não incentivamos a dissecação, a análise do texto, um “encobertamento” do estudo gramatical. Reportamo-nos a uma leitura lingüística,

sem desconsiderar o material de que dispomos quanto à sua estética. Então, conteúdo e forma se articularão para atender à Língua e à Leitura, preparando o aluno para vivenciá-las plenamente.

O poeta Mário Quintana, ao juntar saber e fruição, explica melhor a questão em:

DE GRAMÁTICA E DE LINGUAGEM

E havia uma gramática que dizia assim:
"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta".
Eu gosto das cousas. As cousas sim !...
As pessoas atrapalham. Estão em toda parte.
Multiplicam-se em excesso.

As cousas são quietas. Bastam-se.
Não se metem com ninguém.
Uma pedra. Um armário. Um ovo, nem sempre,
Ovo pode estar choco: é inquietante...)
As cousas vivem metidas com as suas cousas.
E não exigem nada.
Apenas que não as tirem do lugar onde estão.
E João pode neste mesmo instante vir bater à nossa porta.
Para quê? Não importa: João vem!
E há de estar triste ou alegre, reticente ou falastrão,
Amigo ou adverso...João só será definitivo
Quando esticar a canela. Morre, João...
Mas o bom mesmo, são os adjetivos,
Os puros adjetivos isentos de qualquer objeto.
Verde. Macio. Áspero. Rente. Escuro. luminoso.
Sonoro. Lento. Eu sonho
Com uma linguagem composta unicamente de adjetivos
Como decerto é a linguagem das plantas e dos animais.
Ainda mais:
Eu sonho com um poema
Cujas palavras sumarentas escorram
Como a polpa de um fruto maduro em tua boca,
Um poema que te mate de amor
Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido:
Basta provares o seu gosto...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

QUINTANA, Mário. De Gramática e de Linguagem. **In:** *Os
melhores Poemas*. 2ª ed. São Paulo: Global, 1985